



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

CLAUDIA VANESSA BERGAMINI

A PRESENÇA DA MORTE E DO LUTO EM *EXÍLIO* DE LYA  
LUFT

Londrina  
2008

**CLAUDIA VANESSA BERGAMINI**

**A PRESENÇA DA MORTE E DO LUTO EM *EXÍLIO* DE LYA  
LUFT**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Londrina, como requisito ao título de Especialista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria Janaína Foggetti.

Londrina  
2008  
CLAUDIA VANESSA BERGAMINI

## **A PRESENÇA DA MORTE E DO LUTO EM *EXÍLIO* DE LYA LUFT**

### **COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria Janaína Foggetti  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Alamir Aquino Corrêa  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giselda Melo do Nascimento  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de :

*A Deus, porque sua glória  
enche a terra, enche o céu  
e enche a minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe Adélia, porque com sua brandura me ensinou muito sobre a complexidade da vida.

Aos meus filhos, Natália e Vitor, privados de minha companhia em tantos momentos, mas sempre de braços abertos para receber meu amor.

Ao Cláudio, meu marido, companheiro e amigo de tantos anos, pela paciência e apoio incondicional.

Aos meus irmãos Viviane e José Ricardo, por serem parte da minha história.

A minha orientadora, Professora Ms. Maria Janaína Foggetti, pela orientação segura e por ter me ensinado, com seu silêncio, lições necessárias para o meu crescimento como pesquisadora.

Ao casal Pr. Luis e Silene Casseiro, pelas orações que por mim fizeram e por me indicarem caminhos para a compreensão de muitos de meus questionamentos.

À Paula Tatiana da Silva, amiga querida, pela atenciosa leitura e correção de meu texto.

A Giovana Chiquim, Érica Zanon, Flávia Unbenhaum, Vanderson Custódio e Andressa Massoni, pela paciência em me ouvir nos momentos em que o medo e a insegurança se faziam presentes.

Aos Professores do Curso de Especialização em Literatura Brasileira (2007/2008), pelo prazer que senti em ser guiada por pessoas tão cheias de conhecimento.

BERGAMINI, Claudia Vanessa. **A presença da morte e do luto em Exílio de Lya Luft**. 2008. 43 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

## RESUMO

Em 1987, *Exílio*, romance de Lya Luft, despontou como uma das obras mais vendidas do Brasil. Trata-se de uma narrativa complexa, na qual se encontram expostos os dramas existenciais que cercam a Doutora, protagonista do romance. O suicídio da mãe, seguido do menosprezo que esta sempre dispensou aos filhos, são fatores que a levam rumo ao luto constante. Além disso, observa-se o seu exílio, revelado em suas ações, pela forma que expressa seus sentimentos, pela dor que sente advinda da ausência da mãe e pelo fato de não conseguir compreender o passado latente. Com vistas a isso, este trabalho apresenta um estudo de *Exílio*, em que se procurou discutir a questão da morte, revelada como uma situação de isolamento e como uma dor intensa advinda de traumas e decepções do passado.

**Palavras-chave:** morte, luto, exílio.

BERGAMINI, Claudia Vanessa. **The presence of the death and of the mourning in *Exílio* by Lya Luft.** 2008. 43 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

### **ABSTRACT**

In 1987, *Exílio*, novel of Lya Luft, dawned as one of Brazil's bestseller. It is about a complex narrative, in which the personal dramas that surround the Doctor, protagonist of the novel, are shown. The suicide of the mother, followed by the disdain that had always had for the children, they are factors that take it to a constant mourning. Moreover, it's observed the protagonist's exile, disclosed in her actions for the form that she expresses her feelings, for the pain that she feels because of the absence of the mother and for the fact that she does not obtain the understanding of the latent past. For all that were presented, this work presents a study of *Exílio*, where it aimed to argue the question of the death, disclosed as an intense pain because of the traumas and disillusionments of the past.

**Word-key:** death, mourning, exile.



## SUMÁRIO

.....	9
<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>10</u>
<u>1. TEMPO DE EXÍLIO.....</u>	<u>16</u>
<u>2. O INOMINÁVEL: A MORTE.....</u>	<u>25</u>
<u>2.1 Perda e Morte: a tênue relação entre os termos.....</u>	<u>30</u>
<u>2.2 O Luto: a dor que não cessa .....</u>	<u>37</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>43</u>
<u>REFERÊNCIAS.....</u>	<u>44</u>

## INTRODUÇÃO

Nos anos de 1980, Lya Luft despontou como uma das grandes escritoras brasileiras. A gaúcha de Santa Cruz do Sul, que iniciou sua carreira no âmbito literário como tradutora, produziu também gêneros como crônicas, poemas, contos, ensaios. Trata-se de uma autora contemporânea, viva, cuja produção atual mantém a mesma qualidade que a consagrou como um dos grandes nomes da Literatura Brasileira Contemporânea. Em 1979, depois de um grave acidente, entregou-se à ficção e à morte, tema presente em grande parte de seus romances, os quais passaram a intrigar leitores e críticos com suas personagens desprezadas pelas mães, em geral mulheres que não conseguem conciliar os vários papéis que desempenham em seu cotidiano. Vítimas de um passado doloroso que passa a ser relembrado em busca de modificar o futuro.

Por esse motivo, seus romances passaram a ser estudados a partir de uma vertente feminista, em que as personagens principais, bem como as pessoas que as cercam, vivem conflitos interiores advindos de decepções e traumas. A autora, porém, para negar que escreve somente sobre mulheres, defende-se afirmando que escreve sobre o que a assombra. Sua escrita contempla suas perplexidades como ser humano: “escorre de fendas onde se move algo que, inalcançável, me desafia” (LUFT, 1996, p. 14).

E é verdade. Por meio da leitura de seus romances, observa-se a constituição de personagens com traumas e dores, frutos de uma vida marcada por perdas irreparáveis. Além disso, a leitura é um convite à reflexão sobre o lugar secreto do *eu*, lugar este habitado somente pelos mais íntimos sentimentos humanos, que são aguçados pelo conflito intrigante de suas personagens.

Luft escreve sim sobre mulheres, mas, ao fazê-lo, privilegia a vida, cheia de seus encontros e desencontros, cheia de suas perguntas sem respostas, conseguindo devassar os segredos da interioridade de suas personagens, a oferecer ao leitor os recantos e dores mais íntimos da alma humana, que pesam no viver.

A análise apurada desse difícil viver está presente na dissertação defendida, em 2007, na Universidade Federal do Paraná, por Donizete A. Batista, cuja discussão volta-se para a construção do espaço e da identidade dentro do romance *Exílio*, obra que compõe o *corpus* deste trabalho.

Romance escrito em 1987, cujo lançamento ocorreu nesse mesmo ano, “fazia parte do quadro das obras mais vendidas do Brasil” (KUKUL, 2005, p. 02) e é “considerado por muitos críticos como o ponto máximo da carreira de Lya Luft. É um dos seus mais complexos romances” (BATISTA, 2007, p. 37). *Exílio* é narrado por uma protagonista sem nome que expõe a vida da mulher a qual, diante da descoberta de traição do marido e do envolvimento amoroso que mantém com Antonio, decide abandonar a ele e ao filho Lucas, escolhendo para viver a Casa Vermelha, situada na cidade vizinha, onde também vive seu irmão Gabriel.

Ao chegar a casa, a protagonista depara-se com seu passado: reencontra o Anão, amigo imaginário com quem conversava na infância. O enredo é fortemente marcado pela tentativa da protagonista em reconstruir a imagem da mãe alcoólatra, a qual se suicidara quando os filhos ainda eram pequenos. E por meio das conversas mantidas entre a protagonista e o Anão, assim como pela sua introspecção, a protagonista vai expondo seu passado e com ele as perdas e dores que marcaram duramente sua vida, propiciando seu isolamento.

A construção narrativa do romance permite ao leitor a identificação da crise emocional vivida por ela. Por causa desta crise, o leitor adentra em um universo envolto pela morte, pelo luto e pelo exílio. Luft prima pela construção de uma narrativa que expõe os traumas interiores da protagonista, revelando a natureza humana em sua intimidade. Esta exposição acontece por meio da rememoração, isto é, tem-se a retomada do passado, assim como a dos sentimentos que ele desperta. Isso acontece porque, enquanto a protagonista não compreende seu passado, não consegue situar-se no presente, portanto, precisa estabelecer um elo entre eles, pois o passado ainda dói e, por isso, permanece na memória. Daí o motivo de seu exílio, de sua solidão.

Com vistas a estudar o estado de isolamento em que a protagonista se encontra, este estudo apresenta uma análise do romance *Exílio*, tomando-se a

perspectiva da morte. Ressalta-se, porém, que dentro do romance a palavra *morte* não se limita apenas à morte física, ou seja, quando o corpo se separa do espírito. Há, na narrativa, uma conotação de morte como separação do mundo, das pessoas, como uma impossibilidade de sentir-se parte de um lugar ou de um grupo de pessoas. Ademais, discute-se também a presença de um estado de luto, evidenciado no comportamento da protagonista e que vai direcionar a trama do romance. Além disso, analisa-se o título *Exílio*, já que se vê a importância que ele tem para a compreensão do universo da protagonista.

Universo este fragmentado e que se apresenta no romance, pouco a pouco, pois à medida que se lê, os motivos pelos quais ela está exilada tornam-se conhecidos. Observa-se o tênue fio que a conduz do exílio para a morte e vice-versa, já que a morte como separação do mundo a conduz para o estado de exílio. Assim, vê-se que há uma relação íntima entre os dois termos. Exílio, num primeiro momento, significa estar isolado do convívio social e a morte é o fim de qualquer tipo de convívio ou relação. Nesse sentido, observa-se que as duas palavras ligam-se à vida da protagonista, cuja companhia é sua solidão, seus pensamentos e a dor que o passado lhe incute.

Além disso, a presença da morte no romance vem contrapor-se à negação da sociedade sobre ela, isto é, em sociedades passadas, as pessoas aceitavam a morte como natural e certa. É evidente que ela é natural e certa, porém, falar sobre ela e escancará-la tornou-se um tabu. As pessoas preferem ignorá-la, viver sem lembrar-se de que ela chegará. Por esse motivo, o romance de Lya Luft torna-se tão interessante, pois a morte rodeia o universo da narrativa como algo real, próximo, sem causar medo ou sofrimento à personagem. Ao contrário, o que lhe causa medo e sofrimento é a vida com todas as 'peças' que ela prega.

Tomando especificamente a questão da morte, observa-se que o tema é intrigante e tem sido discutido há muito por diversos teóricos e, sendo a literatura uma forma de expressão de profundos sentimentos humanos, não poderia ela deixar de tratar deste tema. Assim, tem-se o retrato da morte a partir da perspectiva de diversos autores em diferentes períodos.

No Romantismo, por exemplo, a morte passa a ser tema recorrente. Para os românticos, ela está ligada ao amor, ou melhor dizer, a um amor que leva à degradação, ao sofrimento e à morte, pois se tem a concepção de que o amor perfeito e ideal é impossível na vida ou só é possível na morte. Deste período literário, pode-se destacar *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, marco do Romantismo, no qual se observa a supervalorização do sentimento em detrimento à vida, já que Werther, diante de sua angústia por não ser correspondido por Charlotte, se suicida.

Este momento literário influi sobre a vida de muitos jovens europeus, que passaram a viver na realidade o que os romancistas construíram na ficção. Sobre esse assunto, Alvarez (1999) assevera que se trata muito mais de um tipo de suicídio do que morte propriamente dita, e “o ideal era extinguir-se sem dor à meia-noite, quando ainda se era jovem, belo e cheio de potencial. O suicídio acrescentava uma dimensão de drama e perdição, uma vistosa orquídea negra à selva tropical que já era a vida emocional do período” (ALVAREZ, 1999, p. 138).

Vê-se então que esse período literário contou com a forte presença da morte e do suicídio, e a contemplou como uma forma de salvação e libertação.

Já no Brasil, o Romantismo apresenta uma divisão “clássica” em três períodos: a primeira fase retrata um romantismo com valorização do “nacional”, a segunda aponta um romantismo individualista, subjetivo ou ultra-romântico – caracterizado pelo “mal-do-século” – e a terceira e última fase apresenta um romantismo político-social, no qual aparecem reflexões e questionamentos sobre, por exemplo, a questão da escravatura.

Na realidade, essa divisão não se aplica à análise aqui proposta, as três gerações românticas se prestam mais a uma sistematização da Literatura que, neste trabalho, não adquire importância. O que se considera de fato é a representação que a morte adquire no final da primeira fase e na segunda fase romântica. Da primeira fase, destaca-se a obra dramática de Gonçalves Dias, *Leonor de Mendonça*, cujo personagem Alcoforado, diante da impossibilidade de se relacionar com D. Leonor, posto que ela é casada, aceita a morte como representação da fuga desse sentimento. Já na segunda fase, destacam-se os

contos de Álvares de Azevedo, do livro *Noite na Taverna*, nos quais se encontra um amor que leva à degradação das personagens, sendo a morte necessária para haver a regeneração da alma. Nas duas obras comentadas, tem-se a morte como punição a um amor não correspondido, característica marcante desse período romântico.

Já na Escola Realista, destacam-se duas obras, nas quais a morte se apresenta de maneira bem distinta do período romântico. Tolstoi, em *A morte de Ivan Ilitch*, publicado em 1886, apresenta a morte vagarosa e dilacerante de um juiz, cuja vida está vencida por uma grave doença, por isso, sente-se fechado num círculo repleto de frustração. A partir desse enredo, Tolstoi abre uma discussão sobre o viver e lança um olhar ácido sobre àqueles que só desejam ganhar com a morte de outros. Ocorre nesse romance um esvaziamento da carga dramática o qual, em geral, envolve a morte.

Em *Germinal*, outra obra realista escrita por Émile Zola, a morte é dura e advém da pobreza daqueles que não têm o direito de comer todos os dias. O olhar que se deve voltar para a morte dentro da referida obra é de que ela mostra a fragilidade da vida diante de tantas adversidades, a revelar a impossibilidade do homem de lutar contra o único e verdadeiro destino humano: morrer.

Uma gama de autores poderia ser citada para ilustrar a recorrência da morte nos textos literários, permitindo que ela seja percebida como tema basilar. Questiona-se: o que a faz ser assim tão explorada? Acredita-se que justamente o fato de ela ser desconhecida. Fala-se da morte, dos sofrimentos que ela desperta, no entanto, difícil é explicá-la, difícil é conceituá-la. Alguns escritores, porém, apresentam e explicam a morte com maestria, falando de experiências não vividas, capazes de fazer com que o leitor acredite que elas são realmente assim e verdadeiramente existiram. Nesse sentido, tem o homem manifestado sua concepção da morte descrevendo os sentimentos que ela aflora, bem como os motivos que o levam à degradação rumo à inominável.

Por ser tão sustentada nos gêneros literários, a morte tornou-se objeto de apreciação crítica, mas a dificuldade em teorizá-la exige que o pesquisador busque informações em fontes ligadas à Medicina, Psicologia,

Sociologia, Antropologia. Destacam-se alguns trabalhos que contribuíram para o enriquecimento da concepção de morte, como a pesquisa de Elizabeth Kübler-Ross, no livro *Sobre a Morte e o Morrer*, cujo interesse voltou-se para o moribundo e o processo pelo qual ele e a família passam no momento em que a morte faz-se tão presente. Phillipe Ariès também deu sua contribuição com o livro *A História da Morte no Ocidente* propiciando uma discussão sobre os símbolos e formas de conceber a morte e o luto por diferentes sociedades; Émile Durkheim, em *O Suicídio*, discute a incidência do suicídio na França no século XIX, apontando algumas razões que podem ser estendidas para o contexto atual. Ainda destaca-se a obra *Deus Selvagem* de A. Alvarez, em que se tem a discussão sobre o suicídio dentro de um contexto literário.

No que se refere à pesquisa no âmbito acadêmico, verifica-se que a análise da morte nos gêneros literários tem sido tema de dissertações e teses, a revelar a importância deste assunto tão intrigante. Por este motivo, acredita-se ser a morte um caminho seguro a ser trilhado, já que ao mesmo tempo que se oferece como um tema tão recorrente e já estudado, mostra-se amplo devido a sua complexidade. Complexidade esta que se faz por meio da dor que a morte provoca, pela busca de tentar compreendê-la enquanto, na verdade, só se pode senti-la por meio do luto, o qual se constitui como uma dor profunda, um sentimento de recusa diante da morte que traz diversas conseqüências para a relação entre o *eu* e o mundo. No caso da protagonista, vê-se a dificuldade de compreender o presente, porque o que viveu no passado ainda não foi compreendido. Somente ficou a experiência da dor, transformando-a em alguém diferente do que ela mesma imaginava ser. Não é mais a médica dedicada, tampouco a mãe atenciosa, é uma mulher em busca de respostas para o *eu* que há muito se ocultara em seu interior. É a mulher que presenciou a morte do outro, ou melhor, da mãe, e agora sentencia sua própria vida à morte, exilando-se numa casa onde reencontrará seu passado, suas feridas e onde viverá seu luto.

## 1. TEMPO DE EXÍLIO

Para compreender o significado do título do romance, reportou-se ao significado da palavra que, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001, p. 324), é o “afastamento forçado ou voluntário da terra natal; degredo, desterro; isolamento do convívio social”. Exílio pode ser, então, o distanciamento do indivíduo, seja este por coação ou espontâneo, do seu lar ou afastar-se das pessoas que ama e com quem precisa conviver.

É possível pensar, ao longo da história, o significado do termo, a começar pelos personagens bíblicos Adão e Eva, os quais foram exilados, ou seja, destituídos do Paraíso a partir do instante em que desobedeceram a Deus e provaram da árvore do Bem e do Mal. Nessa passagem, extraída do Livro de Gênesis, tem-se o momento em que Adão e Eva são exilados da terra para eles criada: “E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida” (GÊNESIS, 03:24).

Encontra-se, na Bíblia, também, uma explicação para a saga do povo judeu, cujo exílio começa com a entrada de José, filho de Jacó, no Egito. Após ter sido vendido por seus irmãos, José sai de Canaã e torna-se servo do rei do Egito. Seus irmãos, arrependidos, vão ao seu encontro, adentrando na terra da qual os descendentes judaicos seriam escravos por longos anos. Antes de morrer, porém, José faz a seguinte declaração: “Eu morro, mas Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou a Abraão, a Isaque e a Jacó” (GÊNESIS, 50: 24). Inicia-se, então, a história da peregrinação dos judeus, os quais conseguem, com o auxílio de Moisés, fugir da escravidão egípcia, rumo à Canaã, a terra prometida.

Tal peregrinação perdurou por 40 anos e entende-se que nela os judeus viveram duas situações de exílio. A primeira refere-se ao tempo que passaram no Egito, exilados de sua terra, sofrendo os males das pragas que, de acordo com o Livro de Gênesis, se abatiam sobre o povo egípcio devido à descrença em Deus. Uma segunda análise que se faz sobre o exílio judaico refere-



se ao período em que divagaram no deserto, momento em que já não eram mais escravos e ao mesmo tempo almejavam a terra prometida onde pudessem começar a construir a identidade há tanto tempo deixada de lado.

Retomam-se aqui as palavras de Edward Said (2003, p. 46) de que:

O exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um *eu* e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada [...] As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.

Os judeus deixaram para trás o Egito, onde embora escravos já houvessem constituído um lar, e foram em busca de uma terra até então imaginária, na qual esperavam reconstruir suas vidas e encontrar-se com a identidade cultural sufocada pela cultura egípcia.

Com o movimento inicial da população de judeus, inicia-se o que passou a ser chamado de diáspora, ou dispersão, exílio. Biblicamente, a diáspora<sup>1</sup> é interpretada como o castigo que se atribui aos povos pelos pecados cometidos por seus antepassados. Esse castigo viria sobre as futuras gerações, ou em linguagem teológica, seria uma 'maldição hereditária'. Assim, cada pai que não obedecesse e guardasse os estatutos de Deus não colheria as bênçãos prometidas em Deuteronômio (07:13): "[...] e amar-te-á, e abençoar-te-á, e te fará multiplicar e abençoará o fruto do teu ventre, e o fruto de tua terra [...]". O não cumprimento acarretaria a maldição sobre as futuras gerações. O eterno retorno dos judeus até sua terra segue até os dias de hoje, em que se têm duas linhas de pensamento. A grande maioria dos judeus defende o retorno a Israel, outros, porém, aguardam a chegada do Messias para que se cumpra a formação de um Estado secular.

A existência de uma maldição hereditária pode ser percebida dentro de *Exílio*, embora de maneira sutil, já que se entende não ser intenção de Luft tratar em seus romances de religião, tampouco relacionar suas personagens com personagens ou situações bíblicas. Porém, ao analisar algumas passagens, observou-se que a condição de exilada da protagonista foi no passado a mesma

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que o termo diáspora é empregado para referir-se a qualquer deslocamento de grandes massas populacionais, não se limitando apenas ao deslocamento do povo judeu.

condição da mãe suicida, assim, pode-se dizer que há uma continuidade de muitas das aflições que consumiram a mãe, na filha. Entende-se que tal observação pode ser confirmada já no primeiro capítulo do romance, no qual se tem: “- VOCÊ ESTÁ CADA VEZ MAIS PARECIDA com a Rainha Exilada – grasnou o Anão, sarcástico, empoleirado no meu criado-mudo” ( p. 13<sup>2</sup>).

Nessa passagem, primeiramente destaca-se a letra em caixa alta, para enfatizar a comparação feita entre a protagonista e a mãe suicida. Atenção especial há que ser dada ao modo como o Anão se refere à mãe: Rainha Exilada. A palavra rainha, por si só, já sugere alguém soberano, em geral, tratado de maneira diferenciada e cuja postura deve primar por certo distanciamento do povo, ou seja, uma vida mais reservada. Acompanhando a palavra rainha, tem-se o adjetivo *exilada*, elucidando, já de chofre, a condição da mãe e colocando a filha, isto é, a protagonista, na mesma situação.

Esse sentimento de seguir o mesmo caminho que a mãe é perceptível em outra passagem, na qual a protagonista começa a reviver o momento da morte da mãe, questionando-se sobre como ela teve coragem de deixá-los num momento em que o amor materno era fundamental.

Nossa mãe morreu há pouco tempo; vestimos luto fechado, e temos a cara perplexa de todos os órfãos: como foi que ela nos abandonou assim, como? Mas essa expressão também aparece nos nossos poucos retratos anteriores; porque, de certa forma, ela nunca esteve conosco (p. 31).

Embora busque resposta à pergunta, ela sabe que já tem, admitindo que a mãe fazia parte de outro mundo, pois “vivia isolada de tudo, como os secretos mundos dentro daqueles pesos de papel, cápsulas de vidro que o meu pai colecionava” (p. 13). Porém, ela acredita que “tudo o que minha mãe queria era poder voltar, voltar como eu, hoje, quero voltar para minha casa. Duro exílio” (p. 108, 109). Vê-se que a protagonista também sente-se exilada. Deixou para trás Lucas e veio para a Casa Vermelha, cenário de seu sofrido viver que a coloca em um mundo tão distante quanto o que vivia a mãe.

---

<sup>2</sup> Considerando que várias serão as passagens citadas do romance, preferiu-se indicá-las somente com o número da página, estando disponível ao final do trabalho a indicação bibliográfica completa.

[...] Uma mulher tão grande, dama antiga de sólida aparência: no entanto, toda fragilidade, medo. Sede. Perdição. Corpo de parideira, mas o coração no exílio. Tinha uma pele muito doce: eu raramente a tocava, ela não queria; encolhia-se toda, nossos abraços e beijos tinham de ser breves e superficiais (p. 163 – 164).

Distante a ponto de impedir os beijos, negar o toque, assim fora a mãe, mulher de grande beleza que é assim descrita: “O retrato dela aparecia nos jornais: nariz perfeito, boca perfeita, olhos perfeitos, toda perfeição. Eu guardava os recortes, lia e relia escondido. Quanto mais distante, mais amada” (p. 35). Distanciamento e desprezo. Era este o tratamento dispensado aos filhos por ela. A protagonista, porém, não oferece ao filho o mesmo tratamento que recebera da mãe, mas o momento em que ela vive não permite que ofereça a Lucas a presença e o amor maternos.

- Mamãe, quando eu quiser passear com você eu digo, tá?  
- Você não gostou do carrinho novo?  
- Gostei.  
- Mãe, lembra as noites em que não nascia neném, e você contava histórias pra eu dormir? (p. 154)

Observa-se que o filho refere-se a ações feitas no passado, já que neste momento não há mais histórias e a intimidade dos dois se dissolve a cada dia. Ao falar sobre o que sente em relação a ela e aos seus, em especial Lucas, a protagonista assim se expressa: “Tenho pena de nós, de Gabriel, de mim, de meu filho Lucas, que tem seis anos e não sabe por que sua mãe foi embora: alguns traços dele aparecem nos dois rostos daquele melancólico retrato” (p. 31). Entende-se que a personagem se lastima por evidenciar o ciclo triste e duro imposto aos seus. Se ela e Gabriel não foram amados pela mãe, uma vez que esta viveu em uma redoma sem querer ser incomodada, Lucas também está privado da companhia materna. Deixá-lo para ficar com Antonio, seu namorado, é apenas uma saída, o que se vê nessa situação é uma mulher que não consegue ser mãe, não consegue ser esposa, pois a persegue o passado e um presente que a conduz para “uma floresta para a qual não vejo entradas” (p. 31).

A pena que sente de si mesma e do irmão Gabriel é fruto do que ela vê agora: dois adultos com lembranças latentes de um passado de dor, com marcas que jamais serão apagadas. Quanto ao filho, sente pena por não saber o que acontecerá com ele no futuro. O retrato ao qual ela se refere, exhibe o irmão e ela ainda crianças, mas já com olhos que não desmentem os fatos: duas pessoas deslocadas, exiladas do mundo, exiladas da vida.

Assim, a relação que se pode estabelecer entre a mãe e a protagonista é de que ambas são exiladas. A primeira sempre viveu nessa situação, negando-se aos filhos, preferindo a escuridão do quarto em que passava grande parte do dia. A segunda, diante do suicídio da mãe e da condição de rechaçada, exilou-se em busca de respostas, deixando para trás todas as pessoas a quem ama, fazendo com que o exílio seguisse seu curso dentro da família.

A protagonista deixa Lucas e o seu verdadeiro lar para viver na Casa Vermelha, lugar que “carrega em seu bojo roído pelo tempo, habitado de ratos e infectado de angústias, toda uma raça de exilados” (p. 47). A casa, além de abrigar pessoas exiladas, é descrita pela protagonista como “isolada [...] parece um ferimento no morro” (p. 32). Trata-se de um lugar desconhecido que na verdade funciona no romance como o espaço da busca pela compreensão da identidade do *eu* e nesse espaço observa-se uma constituição labiríntica e enigmática, muito semelhante à floresta que a narradora persiste em conhecer: um lugar de fuga da realidade, um lugar de encontro consigo mesma, a busca pela sua identidade (BATISTA, 2007, p. 37).

Stuart Hall, ao discutir a identidade do sujeito pós-moderno, afirma que “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do *eu*” (2004, p. 13).

A identidade unificada, mencionada pelo autor, não pode ser percebida no romance, pois na realidade a protagonista não se integra aos grupos aos quais pertence, considerando que, para isso acontecer, ela precisa de respostas para compreender sua história. É essa cômoda história sobre si que ela busca reconstruir, o que a faz mudar sua identidade pessoal, porque ela mesma afirma não

se reconhecer, não olhar para o espelho e ver a médica decidida e mãe dedicada que fora um dia.

Seus sentimentos são manifestados nesta passagem: “Nunca mais terei aquelas mãos firmes, aquele jeito autoritário e sereno” (p. 46). Verifica-se um pesar na fala da personagem por não encontrar mais em si as qualidades que a faziam alguém tão forte. E segue ainda narrando o modo como se sente no momento, deslocada e só:

Mas só tenho essa espantosa solidão; insegurança; e medo, medo. O que será minha vida com Antonio? Poderei me reconstruir ou terei sempre essa sensação de estar mutilada, fora do mundo, dos segredos e do afeto alheio? (p. 56).

Por esse motivo, sua identidade é cambiante, ou seja, muda à medida que tenta buscá-la ou compreendê-la. E ela, ao passo que retoma seu passado, fecha-se num ciclo cada vez mais solitário, que abarca seu passado e seu presente, mas não oferece uma possibilidade de futuro. Luft consegue, por meio da linguagem, apresentar o universo fragmentado e suspenso da protagonista, a revelar um ser descontínuo que se encontra em permanente busca e cuja identidade apresenta-se também fragmentada, incompleta e desorientada. Sentindo-se assim, tão perdida e em busca de respostas, a protagonista sabe que “o cascalho do tempo ecoa na memória: conto fatos da minha vida como quem contasse carneiros. Só que não quero dormir: preciso ficar lúcida, para desatar o nó do meu destino emperrado e complexo” (p. 17).

Infelizmente, o nó do destino da protagonista não se desfaz, o que se tem é uma narrativa que se fecha na medida em que o sofrimento dela aumenta, levando-a cada vez mais para a condição de exilada. No entanto, ela precisa conviver com as dificuldades que vieram com o exílio e, conseqüentemente, os sentimentos provocados por ele:

Encalhei aqui, o tempo passa, e às vezes parece muito conseguir sobreviver até o fim do dia. Digo a mim mesma o que disse tantas vezes às mulheres de grandes ventres distendidos a quem ajudava a parir: Agüente mais um pouco, um pouco só (p. 21).

Agüentar? Seria possível por mais quanto tempo, já que segue num espaço onde todas as personagens parecem estar, de certa forma exiladas, cada qual com seus medos, traumas, localizadas em um

lugar qualquer onde a realidade e a irrealidade se tocam. E onde a existência das pessoas fica suspensa como num sonho [...] No exílio, a utopia, esse espaço futuro de redenção do presente, cede lugar à atopia, um não-lugar que congela o tempo (VIDAL, 1994 apud MONTAÑES, 2006, p. 97).

O congelar do tempo, citado por Vidal, marca a narrativa de *Exílio*, em que se tem a construção de dois espaços. O primeiro, a Casa Vermelha, é um lugar em cujas paredes estão perpetuadas o sofrimento dos que lá vivem; espaço em que circula o medo, a morte e a insegurança. A rememoração da protagonista permite ao leitor a visualização de outro espaço: o espaço da memória, aquele que faz doer o passado e ser triste o presente. Esse retomar do tempo é feito constantemente, e em geral, somente para ressaltar o que ela viveu de mais triste, aquilo que deixou marcas: “O cheiro dela parece deslocado nessa pensão onde encalhei, roída de medo e culpa, atizada de paixão, mortificada pela dúvida. O pânico nos meus labirintos com sua cauda interminável” (p. 19).

Aqui a protagonista expõe o que está sentindo, isto é, dúvida, medo e culpa e ao mesmo tempo revela ser perseguida pelo cheiro da mãe, cheiro este que era um “rastro onde se mesclava um discreto odor de bebida” (p. 19). A figura da mãe mostra-se constantemente como uma sombra que a persegue e, de certa forma, a conduz para os mesmos caminhos que a mãe trilhou.

Sua sensibilidade é perceptível também no seu desabafo quanto ao medo e insegurança sentidos:

As lágrimas correm livres; estou sensível como alguém a quem tivessem arrancado a pele, tudo dói imensamente. Tenho pena de nós, de Gabriel, de mim, de Lucas, que tem seis anos e não sabe por que sua mãe foi embora; alguns traços dele aparecem nos dois rostos daquele melancólico retrato. Choro por tudo e por todos. Se não sair dessa depressão, não vou nem poder ser mulher de Antonio, nem mãe daquele seu filho problemático (p. 31).

Neste trecho, há a dor diante do que ela está vivendo, mas há também o sentimento de pena de si mesma, do irmão e do filho, já que os três, de certa forma, compartilham a ausência materna, cada qual à sua maneira. Lucas, aparentemente, é uma criança feliz, tem a presença do pai e do cachorro Moranguinho, mas não se pode prever o que o futuro lhe reserva, tendo em vista que Gabriel também cresceu um garoto 'normal' e agora "vegeta numa floresta sem saídas" (p. 31). Já a protagonista tem consciência de sua condição: "e eu deparo com uma floresta para a qual não vejo saídas" (p. 31). Uma floresta que se fecha a cada dia, sair dela torna-se impossível.

Dessa forma, observa-se que além da relação com o exílio dos judeus, entende-se que a escolha do título do romance exige uma reflexão quanto ao emprego do termo no âmbito literário, em que se nota uma maior abrangência do significado. Ao eleger como título do romance a palavra *Exílio*, Lya Luft já antecipa ao leitor parte da temática do romance: o estado de afastamento da protagonista em relação ao mundo que a rodeia. Cabe, então, esclarecer que o significado de exílio, dentro do romance, assume mais de uma forma, ou seja, não se refere simplesmente ao ato de deixar sua terra, sua casa ou de ser afastado do convívio social.

Em Luft, observa-se que a palavra refere-se à inadaptação da personagem com o mundo, motivada por traumas que tomaram uma proporção tão acentuada, capaz de fazer com que ela se isole. Nesse sentido, Brizuela (2003, p. 183) explica que "para ser exilado não é preciso que se tenha deixado o lugar de origem, porque este lugar de origem, por um lado, não é fixo, mas fugidio e escorregadio [...]", ou seja, um indivíduo para exilar-se não precisa deixar seu lar, sua terra, basta que ele não consiga mais encontrar as características que o fazem pertencer, sentir-se parte, fazendo com que ele nutra em relação ao lugar um sentimento de não pertencimento.

Isso ocorre com a protagonista de *Exílio*, para quem o lar deixou de fazer sentido, viver com Lucas e com Marcos passou a ser impossível e ela então decide ir, buscar abrigo em outro lugar, porque a vida de antes já não cabia em seu mundo, já não lhe competia mais.

Daí emerge parte de seu sofrimento, por sentir-se definitivamente fora da vida de alguém que surgiu a partir de sua própria vida: seu filho. O maior sofrimento, porém, advém de sua retomada ao passado, pois para encontrar-se e responder a tantas perguntas interiores, a protagonista recompõe o passado, e é nesta recomposição que ela passará por um processo de descoberta. Organiza os fatos vividos, mencionando as ações do pai diante da mãe 'doente', a recomposição dos lugares – casa dos avós, internato, sua casa. Cada ponto rememorado dá à protagonista a consciência de seu fim, sabe que está se despedindo da vida, pois tem noção do abandono de si e dos seus e das coisas. Em sua vida não há alegria, há a destruição e a presença da morte cada vez mais personificada.



## 2. O INOMINÁVEL: A MORTE

A morte maldita e, ao mesmo tempo, venerada, marca fortemente *Exílio*. Palavra difícil de ser explicada e objeto de eterno estudo da Filosofia, num primeiro momento, pode ser considerada “como falecimento, fato que ocorre na ordem natural das coisas” (ABBAGNANO, 2000, p. 683), algo já esperado e indiscutível. Como falecimento, a morte significa o fim e nada se pode fazer, pois “a morte não é um acontecimento da vida, não se vive a morte” (WITTGENSTEIN apud ABBAGNANO, 2000, p. 683), ou vive-se somente a morte do outro, como em *Exílio*, pois a morte da mãe é vivida constantemente pela protagonista.

Além disso, ela é uma ameaça iminente tanto para a protagonista como para outros personagens<sup>3</sup>, pois eles mostram-se “melancólicos e insatisfeitos, [...] conscientes da crueldade do fim, não encontram outra saída a não ser caminhar em sua direção, dignamente” (FOGGETTI, 2006, p. 53).

Ainda é possível considerá-la em sua relação específica com a existência humana, nesse sentido ela pode ser o início ou o fim de um ciclo; ou pode ser uma possibilidade existencial. As doutrinas, que consideram a morte como o início de um ciclo, acreditam na imortalidade da alma e que há uma separação entre alma e corpo e, com ela, “inicia-se o novo ciclo de vida da alma: seja ele reconhecido como reencarnação da alma em novo corpo, seja uma vida incorpórea” (ABBAGNANO, 2000, p. 683).

A concepção de morte como fim e início de um ciclo foi defendida por diversos filósofos. Marco Aurélio (apud ABBAGNANO, 2000, p. 684) acreditava que “na morte está o repouso do contragolpe dos sentidos, dos movimentos impulsivos que nos arrastam para cá e para lá”, a morte, para ele, é então o repouso

---

<sup>3</sup> Embora não seja interesse deste estudo discutir as outras personagens do romance, não se pode deixar de exemplificar a presença da morte na Casa Vermelha. Tem-se o conflito vivido pelas duas moças, a Loira e a Morena. Lésbicas e também exiladas na Casa, sentem a aproximação da morte, devido ao câncer de que a Loira é vítima. Diante da morte está a Velha que no passado perdeu o pequeno filho, a quem passou a esperar sentada no quarto da Casa Vermelha. A morte também rodeia Gabriel, irmão da protagonista, cuja loucura permite que ele não sofra tanto quanto ela as marcas do passado. O anão, amigo imaginário da protagonista, também encontra a morte no romance. Ressalta-se ainda mais uma morte, a da Freira, tida pela protagonista como sua mãe, é a única no romance que morre sem a dor do viver, é levada pela idade, pelas forças que se dissolveram com o tempo e não como as demais personagens, cujo viver a princípio está apagado por uma morte psíquica e, depois, pela morte propriamente dita.

que permite cessar as preocupações da vida. Para Hegel, a morte é o fim de uma existência, que acontece porque o indivíduo não consegue adequar-se, sendo assim, ela é “o cumprimento do seu destino” (apud ABBAGNANO, 2000, p. 684). São Tomás de Aquino interpreta a morte como punição pelo pecado do homem, “é a pena pelo pecado dos primeiros pais” (apud ABBAGNANO, 2000, p. 684), referindo-se ao pecado de Adão e Eva.

Na concepção de morte como possibilidade existencial, Abbaganano (2000, p. 684) esclarece que ela não é um “acontecimento particular, situável no início ou no término de um ciclo de vida do homem, mas uma possibilidade sempre presente na vida humana, capaz de determinar as características fundamentais desta”.

Acredita-se que em *Exílio* é assim que a morte se apresenta, isto é, como uma sombra muito presente, que se revela no “mistério dos que carregam e nutrem a própria morte sem saber; ou, sabendo, interrogam o destino nas longas noites insones: como, quando, *por quê?*” (p. 15). Uma sombra que se revela subjetivamente e, por isso, é a morte difícil de ser conceituada, trata-se de uma experiência intrínseca a cada indivíduo. Pode-se tomá-la “como um fato natural” (MARANHÃO, 1985, p. 20) pelo qual, todos irão passar e, no momento em que ela se fizer iminente ao indivíduo, este será “censurado, privado de linguagem, envolto numa mortalha de silêncio: inominável” (CERTEAU, 2001, p. 294).

A morte “não se nomeia. Escreve-se no discurso da vida, sem que seja possível atribuir-lhe um lugar particular” (CERTEAU, 2001, p. 302); é inominável porque desperta sentimentos inefáveis de dor, sofrimento, revolta, indignação e impotência, portanto, a morte refere-se a uma ação má, a um terrível acontecimento. A morte é inegável e configura-se como o destino imutável de todo ser humano, ela apresenta-se como o momento em que o ser humano se conscientiza de sua fragilidade diante do ignoto. Por este motivo, a morte angustia o homem, traz temor, pois é desconhecida e “na medida em que o homem se percebe finito, guarda com ansiedade o que poderá ocorrer após a morte” (ARANHA, 1986, p. 368).

Porém, indaga-se: é possível perceber a chegada da morte? Não se pode dar a essa indagação uma resposta concreta: alguns a pressentem; outros se

espantam com a precocidade; já outros vivem a vida sem se preocuparem com esta questão, certos somente de que ela chegará. E estes são poucos, porém, seguramente conseguem dar à vida leveza, sem obscurecer e destruir a alegria do viver.

Aceitá-la quando ela se torna tão imediata não é fácil. Quando isso ocorre, a tendência do indivíduo é negá-la, seja por medo do desconhecido, seja por sentir que já não se pode nada fazer. Elizabeth Kübler-Ross (1981) destaca que a aceitação à morte ocorre em estágios, sendo o primeiro deles a negação, momento em que o moribundo tende a isolar-se. Este estágio pode ser sintetizado com a palavra NÃO, pois o moribundo nega a tudo e a todos.

O segundo estágio é a raiva, que surge quando o sentimento primeiro de negação se dissipa, Kübler-Ross (1981, p. 61) salienta que “quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimento de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento”.

A barganha configura-se como o terceiro estágio, menos conhecido, mas de grande utilidade, pois é possível permutar com o paciente para que este fique calmo. A “barganha, na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem que incluir um prêmio oferecido ‘por bom comportamento’, estabelece também uma ‘meta’ auto-imposta” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 93).

O quarto estágio é a depressão, acontece quando já não se pode negar a doença e suas conseqüências, o moribundo torna-se alheio a tudo e nutre um profundo sentimento de perda. Por fim, a aceitação, o quinto estágio. Neste caso, o paciente “contemplará seu fim com um certo grau de tranqüila expectativa” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 119). Estes estágios foram percebidos pela pesquisadora após entrevistar diversos pacientes, os resultados contribuem tanto para um melhor entendimento da situação vivida por eles, como para perceber a forma como, pouco a pouco, o moribundo torna-se propenso a aceitá-la, como se fosse uma preparação para o fim.

No passado, as pessoas se preparavam para morrer, uma vez pressentida a chegada da morte, iniciava-se um cerimonial: o moribundo

deitava-se no leito de seu quarto donde presidia uma cerimônia pública aberta às pessoas da comunidade. Era importante a presença dos parentes, amigos e vizinhos e que os ritos de morte se realizassem com simplicidade, sem dramaticidade ou gestos de emoção excessivos (MARANHÃO, 1985, p. 07).

Nesse sentido, o morrer era algo mais aberto, falava-se sobre ele, sentia-se sua chegada e todos compartilhavam com o moribundo aquele momento. No entanto, durante o século XX, “as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram profundamente, ocorrendo uma verdadeira ruptura histórica” (MARANHÃO, 1985, p. 09). Aquilo que era presente na vida das pessoas passa a ser motivo de interdição e o que era proibido passa a ser liberado.

Sobre esse assunto, Foggetti (2006, p. 53) salienta que o “afastamento da morte é algo típico dos centros urbanos que maximizam o indivíduo, forçando-o a se fechar em seu mundo particular de trabalho, consumo, prazer e, conseqüentemente, negação da morte”.

É nesse sentido que a morte tornou-se um tabu. Não se fala em morte, mas é ‘permitido’ falar em sexo de maneira aberta, fazendo com que “a obscenidade não resida mais nas alusões às coisas referentes ao início da vida, mas sim aos fatos relacionados com o seu fim” (MARANHÃO, 1985, p. 09). Tem-se uma concreta inversão de valores, negando às pessoas o direito de morrer, pois antes havia tempo para o moribundo saber que ia morrer e o “homem tinha consciência do seu fim, seja porque reconhecia espontaneamente, seja porque cabia aos outros adverti-lo” (MARANHÃO, 1985, p. 11). Atualmente, o morrer tornou-se algo impessoal, encobre-se o fenômeno, a pessoa morre sem dar-se conta; “a morte não pode ser reconhecida. É preciso que ela desapareça na patologia, submersa, perdida, desconfigurada” (MARANHÃO, 1985, p. 15). Quanto ao moribundo, não saberá de sua situação, pois “no momento seus parentes não têm mais a coragem cruel de dizer eles próprios a verdade” (ARIÈS, 2003, p. 84).

Além de marcar o fim da existência humana, a morte segue intrigando aos que ficam, justamente, por ser ela uma incógnita. Marcas profundas são deixadas em muitos que perdem os seus. É o caso da protagonista de *Exílio*,

pois como já mencionado, o suicídio da mãe vem marcar seus conflitos interiores. A partir da reconstituição desse fato, a morte envolve o romance, ora como algo distante, incerto, ora como fruto iminente e certo.

O suicídio é considerado um ato que faz com que a morte seja ainda mais complexa, pois muitos a rechaçam, e o suicida a deseja, pode ainda ser visto como uma experiência,

uma pergunta que o homem lança à Natureza tentando forçá-la a responder. A pergunta é esta: que mudança a morte produzirá na existência de um homem e na sua compreensão da natureza das coisas? É um experimento canhestro, sem dúvida, pois envolve a destruição da própria consciência que lança a pergunta e aguarda a resposta (SCHOPENHAUER apud ALVAREZ, 1999, p. 143-144).

A experiência realmente é canhestra, não para o suicida, mas para os que ficam. A protagonista e seu irmão Gabriel são provas disso. Ele isolou-se do mundo com sua loucura e ela isolou-se em busca da resposta que a mãe suicida não encontrara. Acredita-se que o suicídio foi para a mãe “uma forma de desistir antes mesmo de começar [...] e de mergulhar num sonho profundo e íntimo” (ALVAREZ, 1999, p. 139). Sonho este que terá continuidade na loucura de Gabriel, assim como no conflito da protagonista.

Para Gabriel, o suicídio da mãe representou seu fechamento para o mundo, no romance é visível a mudança que a morte propiciou nesta personagem, confirmando a assertiva de Alvarez (1999, p. 135) de que “uma mudança de foco na vida de uma pessoa, uma súbita perda ou separação” são suficientes para criar situações intoleráveis, modificações, como a que acontece com os irmãos no romance. Na passagem abaixo, tem-se a primeira descrição do menino: “Quando minha mãe morreu, Gabriel era um menino plácido e louro; não dava trabalho, não ficava doente, não parecia ressentir-se demais das crises e ausência ou agitação da mãe retida atrás dos vitrais de seus olhos raros” (p. 35).

O trauma vivido com o suicídio fê-lo

essa criatura imensamente triste, rápidos lampejos malignos no olhar. Teve fases agitadas, manias repugnantes, deu muito trabalho; afinal caiu nesse torpor do qual só sai para pintar e tocar. [...] Seria bonito se não fosse sinistro: o rosto vazio onde não passa luz nem sombra, um grande anjo

apalermado. Olhos arregalados, são os de nossa mãe: sombras passam no fundo tão verde (p. 67-68).

Entende-se que Gabriel ocultou em seu íntimo toda a negação que a mãe lhe designou: o carinho, o amor e o colo. Esses sentimentos ficaram guardados e vieram à tona, culminando numa espécie de morte, que nem mesmo sua irmã médica poderia suportar: “Como médica, eu lidava com a vida: não queria saber daquela espécie de morte” (p. 69). Por isso, Gabriel também se tornou parte de sua recordação e ela lembra com doçura o que ele fora: “Lembro Gabriel menino, quietinho, brincando com seus blocos de madeira; lembro dele olhando nossa mãe à mesa, estendendo a mãozinha para lhe tocar o belo rosto: ela se desviou, fingindo que era por acaso” (p. 73).

Do mesmo modo que a protagonista, Gabriel pode ter refeito as cenas do passado, compreendido o que realmente havia de errado com a mãe e tudo isso pode ter provocado a sua loucura. Ou seria um caminho para fugir da realidade? Não se pode precisar, somente se observa ser ele um peso para a protagonista e ela mesma afirma o que sente em relação ao irmão “Sinto um cansaço enorme, meu Deus, tudo de novo” (p. 115), referindo-se a mais uma fase de crise acentuada do irmão que ela teria que enfrentar.

Entende-se que a loucura de Gabriel é fruto da rejeição, do sofrimento; sua irmã, porém, embora não seja vítima da loucura, tornou-se aprisionada pelo passado, que é latente e a impede de seguir o curso da vida que se fecha devido à presença da morte.

No romance em análise, há um fechar-se do enredo rumo à morte, afirma-se ter esse caráter a obra, considerando os sentimentos sombrios que habitam a vida da protagonista. Diferente de Gabriel, que convertera seu mundo em loucura, a protagonista é lúcida e sofre, a cada dia, dores profundas e inocultáveis. Daí, a presença da morte, relacionada às perdas que terá ao longo do romance.

## ***2.1 Perda e Morte: a tênue relação entre os termos***

Como já mencionado, a morte está ligada à perda, e esta se refere ao ato de abster-se de algo que se tem. O termo *perda*, no dicionário, é apresentado de duas maneiras: como “privação de algo que se possui ou de alguém com quem se convivia; morte” (HOUISS, 2004, p. 562). Neste trabalho, toma-se o termo a partir das duas perspectivas, ou seja, como morte física do corpo, separação e como perda de algo ou de alguém, distanciamento.

Dentro de *Exílio*, muitas são as perdas vividas pela protagonista, as quais fazem com que ela expresse seus sentimentos da seguinte maneira: “[...] ainda sinto a solidão de menina: mas me pesa muito mais. Tive perdas demasiadas [...]” (p. 17). Ela elenca todas as perdas recentes sofridas, expondo-as como “feridas com sangue vivo: minha casa, profissão, amigos, cidade, segurança, e meu filho Lucas” (p. 21). Já as perdas do passado, ela explica estarem “reavivadas, e cheias de pus; o tempo as infeccionou, e eu nem sabia: a morte de minha mãe; de meu pai; a morte de meu irmão, pois de certa forma, embora viva aqui no andar de cima, cuidado pelo Enfermeiro, ele também morreu” (p. 21).

Perdas do presente e do passado, colocadas lado a lado e fazendo doer a alma. A primeira que se deseja falar refere-se a sua profissão, pois já não existe mais a médica com êxito profissional, em nenhum momento do romance a protagonista se sente como tal. A impressão que se tem é de que tudo que ela já fora um dia se perdeu e restaram as dúvidas sobre algum dia retomar a profissão, como se observa nessa passagem:

Acho que nunca mais conseguirei trabalhar. Eu que amava minha profissão; sentia estar também parindo aqueles bebês, vendo a vida brotar de futuras mães com seus ventres distendidos e doces olhos um pouco assustados, eu me sentia, forte e segura. Nunca mais terei aquelas mãos firmes, aquele jeito autoritário e sereno (p. 46).

Nota-se que o amor antes nutrido pela profissão se dissolveu, já não pode mais ajudar aos bebês que precisam emergir para a vida. Suas mãos perderam a força e seu olhar já não oferece a mesma segurança que no passado o sustentava, e uma certeza: as mãos seguras e a serenidade jamais voltarão, embora indague sobre sua vida e sua profissão:

E minha clínica, poderei refazer isso também? Os ventres tensos, as caras assustadas: dentro, os corações dos bebês batendo depressa como os de passarinhos, os das mães mais graves, lentos; e eu pensando: para que eu vou ajudar todos esses a nascer, para serem no futuro amargurados e traídos, traidores e canalhas, e caminharem irremediavelmente para a morte? (p. 160-161).

Dor, revolta, angústia: o que a deixa assim? Por que deixar de ser a médica competente que fora um dia? A falta de desejo em retomar a profissão advém de um sentimento de culpa que pesou em sua alma, pois a protagonista acredita ser a profissão o motivo principal de seu distanciamento com Lucas e com o marido. No momento em que descobre a primeira traição de Marcos, ela percebeu que seu mundo estava quebrado, mesmo com a tentativa do casal em retomar o casamento ela sentia que:

[...] alguma coisa se quebrara; meu mundo sofrera uma rachadura importante; nosso pacto fora rompido, e eu não consegui mais sossegar. Comecei a achar que minha profissão me mantinha longe demais de casa, não era incomum levantar da cama e sair no meio da noite para atender a um parto; muitos dias chegava em casa exausta no fim da tarde, mal conseguia jantar; brincava um pouco com Lucas, distraída, e me arrastava para a cama; ou ficava acordada até tarde, estudando um caso difícil (p. 48).

A ausência da protagonista em sua casa acarretou na negligência com o filho, possibilitando a Marcos cuidar melhor de Lucas, pois “com um trabalho menos absorvente, lhe dava banho quando a babá não estava; era Marcos quem lhe contava histórias para dormir; era Marcos quem o levava a passear quando eu estava cansada demais. Havia laços especiais entre eles: eu ficava de fora” (p. 51).

Para ela, a profissão deixava-a de fora da vida do filho, permitindo que a intimidade com Lucas se dissipasse. Não que ela não desejasse ser sua mãe,

[...] receber Lucas nos braços, seu corpo quente, seu rosto alegre, como era antes de sua mãe ir embora; dar-lhe banho, contar histórias; esperar que sua respiração regular me diga que está dormindo; e então ainda ficar longo tempo sentada segurando sua mão, e pensando no milagre de tudo (p. 56).

Tudo isso fazia parte de seu desejo, que não conseguia concretizar, no entanto, acredita-se que não foi a profissão o pivô do distanciamento com o filho



e com o marido. Na realidade, há uma mulher que tenta cobrir os traumas do passado com a construção de uma família, tal qual a que ela gostaria de ter tido. Para ela, a vida estava perfeita e diferente da que ela vivera no passado: “estivera certa de que meu casamento era sólido, minha vida resolvida; marido, filho, alegrias e sucesso me pertenciam depois de longa orfandade” (p. 49).

As marcas do passado, porém, estão presentes em sua vida, assim como os acontecimentos recentes – como a traição do marido – que são na consciência como o soar constante de um sino, levando-a a um estado de crise, a deixá-la cada dia mais fragilizada. Desse modo, sua condição de médica bem-sucedida não pode apagar a criança ferida e rejeitada que ela foi um dia, já que esta ainda continua intensamente viva dentro dela e ainda que a ausência do filho seja tamanha a ponto de a protagonista suplicar: “Quem já teve um menino de seis anos e o perdeu? Se teve, condoe-se de mim, e chore comigo” (p. 105) ou ainda: “Sem ele, fiquei uma casa abandonada, portas abertas, assoalho carcomido onde correm sinistras ratazanas” (p. 112), para ela, é impossível o retorno, prefere ficar na casa e viver esse momento de crise existencial e dor profunda.

Outra perda marca o romance, e falar dela é inevitável – a perda da mãe – embora se questione: pode-se perder aquilo que não se tem? Para a protagonista, a mãe sempre foi alguém inalcançável e distante, Rainha Exilada de um reino longínquo, como a definia o Anão.

Já nas primeiras páginas do romance se observa o sentimento de repulsa da mãe em relação aos filhos. Também é visível o fascínio da protagonista por ela, embora tenha sido sempre rechaçada e, agora, já adulta, ela tenha consciência de que fora um incômodo para aquela intrigante mulher:

Eu fazia um ramo para minha mãe: daria tudo por um de seus raros sorrisos. Chegando em casa, ia entregar-lhe as flores, já murchas; ela pegava distraída, passava para uma empregada pôr num vaso. E concordava quando meu pai repetia como eram bonitas e cheirosas (p. 20).

O descaso da mãe transformou-se com o tempo em feridas incuráveis, que doem na alma e fazem difícil o viver. Em cada lembrança da protagonista, o gosto amargo de saber ter sido um peso, um incômodo para a mãe.

Minha mãe não era bondosa: raramente se lembrava de mim, e era pior do que quando me ignorava. Exigia então minha presença, eu tinha de lhe prestar pequenos serviços: achar o livro, os óculos, um lenço. Era como se, lembrando-se de mim, resolvesse ao menos tirar algum proveito desse aborrecido fato: ter uma filha (p. 39).

Assim cresceram a protagonista e Gabriel, sendo privados de abraços, carinhos maternos. Após o suicídio da mãe, ela e o irmão foram viver com os avós paternos. No entanto, em seus pensamentos, tentava compreender o que acontecera e onde estaria a mãe agora: “Onde andaria minha mãe? Ainda vagava, nos caminhos da morte? Ou livrara-se dos tormentos? O que era isso, morrer? E por que, por que nós, que a amávamos tanto, tínhamos lhe adiantado tão pouco?” (p. 78).

Nesse momento, ela ainda nem poderia imaginar que a sombra da mãe a seguiria por longo período. Anos depois, na Casa Vermelha, a imagem dela seria refletida no espelho e, para evitá-la, a protagonista se desviaria com medo de ser conduzida ao mesmo abismo para o qual caminhou a mãe.

Nestes dias, minha companhia mora naquele espelho sobre a cômoda. Não olho para lá a não ser raras vezes, e minha mãe passa ali no fundo, vagarosa; olhos de bruxa, e uma atração que me arrastaria a sei eu que abismos, se me debruçasse para ela (p. 57).

A solidão física e a solidão da alma seriam amenizadas com sua chegada ao internato, espaço em que passa a viver na adolescência e que trará a ela paz de espírito devido à amizade que construirá com Irmã Cândida. A importância dessa personagem para a protagonista é tanta que com a morte dela, a protagonista assim manifesta sua dor: “Pesada de luto, subo a escada e me preparo para mais um velório de minha mãe” (p. 186).

Logo que chegou ao internato, a protagonista comportava-se como uma adolescente rebelde, mas quando conheceu Irmã Cândida encontrou naquela “mulher, tão alta e quase tão pálida quanto fora minha mãe, porém com uns olhos escuros e alertas [...] a pessoa mais importante de minha vida” (p. 37). Foi na freira que ela encontrou companhia, amor e atenção, pois Irmã Cândida “dedicava horas a

me aconselhar, escutar, orientar. Dirigiu meu coração para problemas que eu achava remotos, e que em minha casa não se abordavam” (p. 37).

A freira conseguiu amenizar sua inquietude, sua rebeldia, dando-lhe somente amor e atenção. A protagonista sabia que apenas ela a “compreendia, como ninguém mais, minha orfandade, minhas ansiedades e dúvidas” (p. 37). Na cidade para a qual se mudou quando deixou Lucas e Marcos reencontrou a querida Irmã, já com as marcas do tempo avisando que a morte estava próxima.

Ao despedir-se da amiga morta, escreveu um pequeno bilhete e colocou-lhe entre os dedos com um pedido: “Me ajude, por favor” (p. 187). Órfã mais uma vez, observa-se que esta perda é tão dolorosa quanto de sua mãe natural, no entanto, Irmã Cândida representa no romance a junção entre o amparo e o amor. Enquanto sua mãe natural representa a aflição e, ao morrer, não lhe traz paz, ao contrário, persegue-lhe com sua sombra e seu perfume, conduzindo-lhe à morte.

Outra perda que marca o romance é a morte do Anão, o intrigante amigo que passa a acompanhá-la quando descobre o alcoolismo da mãe: “o Anão apareceu em casa de meu pai no dia que descobri que minha mãe bebia. Pelo menos, nesse dia se apresentou a mim” (p. 57). No momento em que ela chorava por causa de sua descoberta, ele pediu que parasse e deixasse a mãe em paz.

Ao descrever o Anão, ela deixa claro não ser ele igual aos anões de livros, tampouco ser um anão de circo ou que serve ao rei. Como se sabe, os anões dos contos de fadas são retratados como doces homenzinhos; já a figura do anão no circo é cômica e está ligada ao fazer graça, do mesmo modo no palácio, onde o anão está relacionado com a figura do Bobo-da-Corte<sup>4</sup>. O anão de *Exílio* é diferente: “usava roupa preta, séria, um chapeuzinho antiquado na mesma cor” (p. 60) e aparecia “nas horas mais inesperadas” (p. 61).

Trata-se de uma figura emblemática dentro do romance, acompanhou a protagonista desde que soube do alcoolismo da mãe até quando ela chegou ao internato, já mocinha. O Anão retornaria na Casa Vermelha e é com ele

---

<sup>4</sup> Embora a figura do anão seja constante em diversas obras literárias, é importante ressaltar que ainda falta um estudo mais sistematizado sobre ela. Mesmo obras que já foram amplamente estudadas, como *Tutaméia*, de Guimarães Rosa, em que nos contos *Antiperipléia* e *Zingaresca* o anão é uma personagem importante, não apresentam um estudo específico. Acredita-se que a existência de estudos sobre esta figura poderia ter propiciado uma melhor compreensão acerca desta personagem.

que ela conversa e é ele quem a acusa, colocando-a de frente com a verdade. A primeira delas é a comparação que ele faz da protagonista com a mãe, na passagem que abre o romance, já antes comentada: “Você está cada vez mais parecida com a Rainha Exilada” (p. 13). Será que ela tem consciência disso? Observa-se que sim, tem consciência de que está exilada em um mundo no qual um dia sua mãe também viveu. E para não se esquecer disso, ela tem a figura do Anão, que é uma “espécie de consciência acusadora, lembra a Doutora insistentemente dessa semelhança com sua mãe” (BATISTA, 2007, p. 44).

Outra verdade que o Anão lhe apresenta é sobre o filho Lucas, e para isso, ele mexe em profundas feridas:

- Perdi tudo o que tinha – gaguejo. – Viver sem meu filho é como me arrastar por aí com as duas pernas amputadas.
- Perdeu, não. *Deixou!* – diz ele cruelmente, e sua cara é velha e má. – Mas apesar de tudo, você tem a sua profissão – conclui, com fingida gravidade.
- A profissão que vá à merda! – grito, chorando (p. 45).

Ela não tem coragem de admitir que deixou o filho e não o perdeu e todo o entendimento acerca da verdade vem por meio do Anão. Sobre a sabedoria dos anões, Rosane Volpatto (2008) assevera que eles são os donos da terra, do solo e do subsolo e seu aspecto muitas vezes repulsivo não é mais do que o reflexo da matéria bruta e primária de que são hóspedes e guardiões. Embora sejam qualificados como feios, são muito sábios. E, em *Exílio*, ele se mostra sábio, é a voz da verdade, despida de qualquer sentimento, voz dos fatos que ferem e maltratam.

As verdades que a Doutora deseja não enxergar são expostas por ele, ou melhor, pelo tilintar de sua consciência, que sabe ser o Anão “fruto das minhas trevas e nostalgias, companheiro de exílio” (p. 198). Ela sabe ser “Ele o filho da minha solidão, da minha orfandade, da loucura de Gabriel, da sede de minha mãe, filho do pântano que nos engole a todos” (p. 199). A morte do Anão já no final do romance é para ela uma perda irreparável, é como se ele assumisse em seu lugar a morte: “Não me quis a morte: o Anão assumiu todo o meu espaço dentro dela” (p. 200). O choro pela morte de seu amigo é profundo e ela se pergunta: “Já chorei assim alguma vez, eu, que tenho chorado tanto? O choro de quem dá à luz a

si mesma, abre as pernas dolorosamente e sai dali entre gemidos fundos, sangue e gosma” (p. 198).

O desfecho trágico do Anão é o adiantamento do fim da protagonista, já que ela, ao final, aniquila seus anseios e se embrenha na floresta que cerca a Casa Vermelha e que durante todo o romance a ‘convida’ para explorá-la:

Estou indo, estou indo. Vou tomar rumo. Ainda não consertaram aqueles arames farpados. Primeiros passos, tropeçando. Cheiro de mato, almíscar, musgos úmidos. Decomposição e nascimento, cogumelos saltando do esterco. Depois meu passo se firma. Aqui e ali, reflexos verdes: ratazanas não têm olhos assim. Aqui haverá enfim lugar, como nunca tive. Avanço rápido, arfando:  
- Mãe, mãe... (p. 200).

Nessa belíssima passagem, observa-se que a protagonista encontrou seu fim, o qual se entende ser a morte. Seus primeiros passos rumo à floresta são firmes, lá ela encontrará ‘enfim lugar’, nota-se um sentimento de pertencer a um espaço, não se sentir mais exilada. Depois, ela encontra decomposição e nascimento, palavras com significados opostos. A primeira refere-se àquilo que está se deteriorando, estragando, apodrecendo. Já nascimento, refere-se ao novo, à vida. Assim, entende-se que neste momento ela deixa para trás a vida arruinada por tantos episódios trágicos e se prepara para receber uma nova vida. Vida esta que se faz com a morte, libertando-a dos males tão dolorosos. Talvez, os reflexos verdes sejam os olhos da mãe, a quem tanto buscou na vida e agora poderá ter encontrado na morte.

Ao escrever *Exílio*, Luft vai à contramão, pois não deseja esfumar a morte, antes, porém, propõe uma forte reflexão sobre a presença constante dela, seja como algo desejado, natural, seja como uma dor que adentra o peito e dele não se retira. Dor que perdura por longo período após a morte, às vezes até mesmo por uma vida, a esta dor dá-se o nome de luto.

## **2.2 O Luto: a dor que não cessa**

Ao longo da História, o luto foi concebido de diferentes modos. Durante a Idade Média, ele consistia em um ritual. A partir do momento em que se constatava a morte, o luto era traduzido “por uma indumentária, por hábitos e por uma duração fixados com precisão pelo costume” (ARIÈS, 2003, p. 71). Esse rito, envolvendo os hábitos e a indumentária, nem sempre refletia os sentimentos verdadeiros da família, mas ele jamais poderia ser quebrado, somente poderia “ser reduzido ao mínimo por um novo casamento” (ARIÈS, 2003, p. 71).

A partir do século XIX, o luto passou a ser vivido de forma histórica, além do pranto e das vestimentas, o jejum e o desmaio passaram a fazer parte do ritual. Ariès (2003) explica que o exagerado luto elucida o fato de que os que ficam aceitam com dificuldade a morte do outro, ou seja, a morte torna-se ainda mais inaceitável. É nesse período que ela passa a ser vista como a morte do outro, dando início ao culto dos túmulos e cemitérios.

Outra mudança em relação à forma de conceber o luto é vista no decorrer do século XX, momento em que ainda se prima pela vestimenta preta, cuja função é falar sobre a ausência da vida; tem-se também o respeito silencioso ao morto.

Porém, a sociedade contemporânea exigiu do indivíduo enlutado o controle de suas emoções,

a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação. [...] Eis aí a que a sociedade ocidental contemporânea reduziu a morte e tudo a que ela está associado: um nada (MARANHÃO, 1985, p. 19).

Vê-se que a sociedade hodierna reduziu a simbologia ao mínimo, não se usa o preto, não é permitido demonstrar os sentimentos, é necessário enterrar os mortos e com eles os ritos que, por séculos, mostravam a dor pela perda de alguém. Deixam-se encobertos os sintomas comuns aos indivíduos enlutados que, segundo Freud (1917), são a inibição e a perda de interesse plenamente explicadas pelo trabalho do luto no qual o ego é absorvido.

Feliciano (2005, p. 44), ao analisar o texto de Freud, destaca que “no luto o *eu* se identifica com a imagem do que foi objeto de desejo e se perdeu”. Em *Exílio*, a protagonista volta-se para si a partir do momento em que perde a mãe. Este mundo, no qual ela se fecha, torna-se ainda mais evidente quando chega à Casa Vermelha, reencontra o Anão e, com ele, o passado, o qual traz para o seu coração uma desconfiança que “corrói tudo, meu amor está recortado como os velhos beirais da Casa Vermelha, trabalhados pelos cupins mais do que pela mão do artista que os criou” (p. 54). Os recortes são feitos pelo tilintar da imagem que ela tanto recorda: “lembro, mais que tudo, minha mãe morta” (p. 74). Ela lembra também do quanto sua mãe a perseguia, fazendo com que tivesse “uma dolorosa insônia, acessos de fraqueza ou medo; jurava ver a morta andando pelos corredores, ouvia seus passos, via seu rosto nos espelhos” (p. 89).

A presença da mãe é paradoxal, isto é, embora esteja morta ela ainda acompanha a protagonista como uma sombra, mostrando-se ora no perfume que a persegue melancolicamente<sup>5</sup>, ora no espelho, quando esta vê a imagem da mãe. Por refletir essa imagem, ela procura não olhar para o espelho, pois lá é o lugar “onde minha mãe aparece; inclina-se para mim, como se me procurasse; tenho medo de que me leve para a sua floresta submersa, cheia de medusas e cavalinhos” (p. 118, 119). No entanto, embora procure desviar os olhos do espelho, há momentos em que isso se torna impossível, pois fecha os olhos e ao abri-los:

vejo sombras no espelho da cômoda. Não quero olhar, não quero. Mas olho: ela aparece, cada vez mais freqüentemente. Primeiro a barra do vestido longo, depois a mão com o copo, a perna arqueada no passo, o rosto de perfil. Tenho vontade de pedir: Me leva para casa. Nisso, ela se vira e me encara; suas desmesuradas órbitas não estão verdes; cobriram-se de um véu como escamas (p. 165).

---

<sup>5</sup> Ressalta-se que as diferenças entre luto e melancolia são conduzidas por um tênue fio, mas a discussão desta pesquisa não abrange a melancolia, cabendo somente uma breve distinção entre os termos. O constante luto leva o indivíduo à melancolia, a qual se difere do luto por induzir a pessoa a um desânimo profundo; Freud (1917) salienta que cessa o interesse pelo mundo externo, ocorre a perda da capacidade de amar, assim como a inibição de toda e qualquer atividade; a baixa auto-estima marca também a melancolia e junto com ela vem a auto-recriminação e auto-envelhecimento, que desponta numa acentuada punição. Freud (1917) observa ainda que os mesmos traços da melancolia são encontrados no luto, mas a perturbação da auto-estima está ausente no luto; fora isso, porém, as características são as mesmas.

Essa perseguição incute-lhe dor, elemento comum do luto. Além disso, “a presença do outro, como agente produtor da dor [...] abre passagem para percorrer esses ‘sulcos’, revelando, pois, verdades veladas pelo tempo” (MOREIRA, 2004, p. 35, 38). Verdades passadas que doem ao serem trazidas para o presente, sobretudo, quando com elas vem o entendimento maduro da rejeição materna: “Lembro de estar sentada no colo dela; mas não passa os braços ao meu redor: continua rígida, apenas me suporta. Não vejo seu rosto; aninhei-me no seu peito; mas sei que é uma máscara zangada (p. 134).

Ao reviver verdades tão doloridas, a protagonista sente o desejo de preparar “uma injeção para me matar: injeto um líquido amarelo numa maçã vermelha, lustrosa, que vou comer para me dissolver em esquecimento, o que me dá uma grande alegria” (p. 95). No entanto, ela não o faz e, por isso, segue sua dor e angústia, certa de que “continuo viva” (p. 200).

Verificam-se, ainda, sentimentos que podem ser interpretados como luto: não sentir desejo, deixar-se vencer pelas mazelas da alma, ou como observou Freud (1917), perda de interesse. Nessa passagem, a protagonista compara-se à floresta, deixando em evidência o cansaço que já a dominou.

Contemplo a mata, que me fascina; rastejo dentro de mim num chão igual ao dela: ramos caídos, madeiras podres, silenciosos vermes, cogumelos; tudo tão longe das copas do sonho. Ou desço como quem se atira numa funda piscina e vai, em câmera lenta, nesse túnel, até onde permitem náusea e vertigem (p. 14).

É nítido o sentimento de entrega, tudo nela é negativo, destruído, seus braços são como os ramos caídos, já não têm forças para trazer ao mundo os bebês, para segurar Lucas, para amparar Gabriel; suas pernas são como madeiras podres, não podem conduzi-la para o lugar de doces sonhos, somente para o labirinto, em que está a morte; a vida tornou-se como uma piscina ou um túnel que ao adentrar neles não se sabe até onde é possível suportar. O sentimento de que tudo está se deteriorando é constante, sempre a acompanha o “cheiro de mato, flores e uma vaga podridão” (p. 132).

Assim está a protagonista, o que permite dizer que ela vive luto pela vida de tristeza, pela vida que não viveu com o filho e, sobretudo, com a mãe. A



ausência deles lhe traz sofrimento. Este sofrimento “se inscreve nas nossas histórias como uma ruptura no tempo” (VASSE, 1983 apud MOREIRA, 2004, p. 36). A vivência dele deixa marcas, cortes, a possibilitar uma recuperação constante do passado “que agora vou retomando, nesse período de dor e reflexão” (p. 133).

Dessa forma, o luto ganha significação no romance, à medida que ele propicia a reconstituição do passado, como tentativa de compreender a angústia e o pesar frente à perda, não só a da mãe, como também a perda de uma infância que jamais viveu, sem mácula, sem dor, somente a infância como a de tantas crianças.

Além de ser o luto o período de purga de emoções, verifica-se que a palavra *luto* pode ser compreendida como o sentimento de tristeza causado pela morte de alguém, pode ainda referir-se ao uso de vestimentas e, sobretudo, pelas atitudes que manifestam sinais deste sentimento. À procura de um conceito mais teórico, observa-se que Freud (1917), em seu clássico estudo intitulado *Luto e Melancolia*, destaca que o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido como, por exemplo, o país, a liberdade ou o ideal de alguém.

Entende-se, perante a observação do conceito acima, que, para ocorrer a existência do luto, não é preciso estar a perda de alguém ou de algo relacionada à morte, basta que as perdas envolvam o universo afetivo do indivíduo para que se estabeleça um estado de luto.

Mazorra (2001 apud LOUZETTE & GATTI, 2007, p. 77) complementa afirmando que “o luto é o processo de reconstrução, de reorganização, diante da morte, desafio emocional e cognitivo com o qual o sujeito tem de lidar”, isto é, refere-se aos processos mentais com os quais o sujeito tem que aprender a lidar. Neste caso, o luto está relacionado à morte, salientando que esta não precisa ser necessariamente física, pode ser a separação ou fim de algo.

Tomando especificamente o romance, há em várias passagens acontecimentos que conduzirão a personagem a um estado de luto, de tristeza diante das perdas constantes que sofre: quando criança o desprezo da mãe, seguido da morte dela; já adulta, o distanciamento com o irmão devido à loucura da

qual ele é vítima; a separação de Marcos e a dolorida separação de Lucas. Já no final do romance, tem-se a morte da mãe e a morte do Anão. Acontecimentos que levaram tudo que para ela era tão precioso, por isso, se questiona: “Onde meus sentimentos maternos, humanos, profissionais, minha bondade natural? Afinal, me tornei médica para ajudar pessoas. Mas agora preciso de quem *me* ajude” (p. 171).

Ela já não se reconhece mais, daí a necessidade de ser amparada, ajudada, pois compreende: “Estou esmagada pela vida, pela morte, pelas perdas e fracassos. Meu rosto no espelho ficou severo, vincado, os cantos da boca virados para baixo” (p. 179). Todas as perdas com as quais ela teve que conviver conduziram-na para esta situação, sente-se pequena e desamparada, mas não se indigna frente aos fatos, somente repete: “- Meu Deus. Meu Deus – com uma voz que não parece a minha. Digo isso até me doer a garganta, apertada de medo, nojo, ansiedade” (p. 195).

Fecha-se sua vida para a morte, por isso, agora só lhe resta esperá-la, seguindo com a tristeza que, pouco a pouco, a corrói.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo de *Exílio* é marcado pelo mundo fragmentado da Doutora. Seu desamparo é grande, ainda maior seu pesar diante de tantas perdas e verdades que, pouco a pouco, emergem como um *flash* em sua memória. Embora não seja seu desejo abandonar Lucas, ela assim o faz, permitindo que o destino siga seu curso, isto é, Lucas, tal qual a mãe, crescerá longe dos afagos maternos, privado do abraço e do carinho tão preciosos. Assim, ela dá continuidade ao estado de distanciamento da mãe, marcando a dura sina que se volta para elas, ou seja, viver separadas, isoladas, viver como Rainhas Exiladas de um reino distante.

Observou-se a composição do difícil viver da protagonista, marcado por separações irrevogáveis. As perdas conduzem-na para um estado de luto e de dor que lateja constantemente na alma. Primeiramente, marca o romance a perda da mãe, mulher distante e indiferente aos filhos, que será o pivô da crise existencial da Doutora. Sua paradoxal presença depois de morta assombra a protagonista e a conduz para um estado de luto, ou seja, faz com que ela volte-se para si mesma, em busca de respostas para o seu passado.

Outra perda sofrida é a do Anão, ou melhor, da sua consciência acusadora e sábia. O Anão é a voz da verdade, é a figura emblemática que lhe colocará frente a duras realidades, como o fato dela ter deixado o filho, a profissão, o lar. Tem-se ainda a morte de Irmã Cândida, mulher que supriu grande parte de sua solidão e desamparo. Perdê-la foi para a Doutora como separar-se da própria mãe, com a diferença que a Freira era para ela “eterna” (p. 180), devido ao seu amor e cuidado.

Nesse sentido, verificou-se que a morte envolve o romance. Num primeiro momento é a morte do outro, mas à medida que ela rememora seu passado, seu mundo a conduz para a própria morte. Morte que se apresenta como ‘maldita’ e ao mesmo tempo ‘venerada’; que por um lado é o eco de um tempo de tristeza e dor e, por outro, representa a libertação de uma vida tomada pela aflição e angústia. Desse modo, observou-se que a razão já não existe, o que ficou foi a

emoção que a arrasta para a floresta convidativa, para o lugar que a conduzirá definitivamente para a morte.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Nicola Abbagnano. Trad. da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**: Velho Testamento e Novo Testamento. Trad. de João Ferreira de Almeida. 3 ed. Rio de Janeiro: King's Cross Publicações, 2005.

ALVAREZ, A. **O Deus Selvagem**: um estudo do suicídio. Trad. Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. Maria Lúcia de Arruda Aranha; Maria Helena Pires Martins. São Paulo: Moderna, 1986.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BATISTA, Donizete A. **Espaço e identidade em Lya Luft: Exílio**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: 2007, 95 f. Disponível em:  
[http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/13603/1/dissert\\_pdf.pdf](http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/bitstream/1884/13603/1/dissert_pdf.pdf)  
Acesso em 19 de julho de 2008.

BRIZUELA, Natalia. "Uma mulher; mulher" ou O exílio permanente. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito. **Vozes femininas**: gênero, mediações e práticas da escrita. Rio de Janeiro: 7 Letras; Fundação Casa Rui Barbosa, 2003.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **Interpretações do eu: uma análise comparativa de A céu aberto, de João Gilberto Noll e A cidade ausente, de Ricardo Piglia**. Disponível em:  
[http://www.unigranrio.br/unidades\\_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero5/textos\\_hirley3.html](http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero5/textos_hirley3.html) Acesso em 09 de novembro de 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DIAS, Gonçalves. **Leonor de Mendonça**. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/GoncalvesDias/leonordemendonca.htm>. Acesso em 30 de julho de 2008.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

FELICIANO, Rosangela L. C. **Luto e melancolia: reconstituição de uma história na relação terapêutica**. Pulsional Revista de Psicanálise. Número Especial, maio 2005, p. 41-45.

FOGGETTI, Maria Janaína. **Fado e morte na tetralogia piauiense**: uma estética da miséria humana. 2006, 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

FREUD, Sigmund (1917[1915]). Luto e melancolia. In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 249 - 263.

GATTI, Ana Lúcia; LOUZETTE, Fernanda Lucena. Luto na infância e as suas conseqüências no desenvolvimento psicológico. Iniciação Científica. In: **Revista Eletrônica**. Agosto, 2007, Ano I, nº. 1, p.77-79. Disponível em: [ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag77\\_edi01.pdf](ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag77_edi01.pdf) Acesso em 03 de agosto de 2008.

GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracica Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2 ed. Ver. E aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

KUKUL, Vanessa Moro. Da sombra dos gabinetes aos holofotes do espetáculo: as celebrações em torno da escritora Lya Luft e de sua obra. In: **Revista Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAS – CEDAP, v.1, n. 2, 2005, p. 1-5.

LUFT, Lya. **Exílio**. Lya Luft. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. **O rio do meio**. São Paulo: Mandarim, 1996.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira. Luto e Melancolia: uma leitura sobre o problema da alteridade. In: **Pulsional** – Revista de Psicanálise. Ano XVII, n. 179, setembro de 2004, p. 33-42.

MONTAÑÉS, Amanda Pérez. **Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba**. Tese de Doutorado. Florianópolis, 2006, 204 p. Disponível em:  
<http://www.cfh.ufsc.br/~dich/amandatese.pdf> Acesso em 30 de julho de 2008.

PRADO, Décio de Almeida. Leonor de Mendonça: amor e morte em Gonçalves Dias. In: **Teatro de Anchieta a Alencar**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SAID, Edward. **Fora de Lugar**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOLSTÓI, Leon. **A morte de Ivan Ilitch**. Trad. Vera Karam. Porto Alegre: L&PM, 1997.

VOLPATTO, Rosane. **Anões e Gnomos**. Disponível em:  
<http://www.rosanevolpato.trd.br/anoesgnomos.html> Acesso em 25 de agosto de 2008.

ZOLA, Émile. **Germinal**. 1ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nd/2.5/br/"></a><br /><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dc:title" rel="dc:type">A presen&#231;a da morte e do luto em Ex&#237;lio de Lya Luft</span> is licensed under a <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nd/2.5/br/">Creative Commons Atribui&#231;&#227;o-Vedada a Cria&#231;&#227;o de Obras Derivadas 2.5 Brasil License</a>.